De perto e de longe: os debates sobre família, Igreja, mídia e feminismo na revista Servas do Senhor (1960-2000)

Marcilene Nascimento de Farias[*]
Diogo da Silva Roiz[**]

Resumo

Este trabalho pretende analisar as representações femininas na imprensa, no período compreendido entre 1960 a 2000. Desse modo, pretendemos visualizar, a partir dos textos da revista *Servas do Senhor,* impresso oficial da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil (LSLB), a forma como as mulheres luteranas recepcionaram importantes transformações ocorridas no mundo a partir da década de 1960, que, direta ou indiretamente, promoveram mudanças no modelo de família, nas relações de gênero, na organização da Igreja.

Palavras-chave: Imprensa. Relações de gênero. Representações femininas.

Introdução

A revolução cultural de 1968, para Carlos Aguirre Rojas, foi responsável por mudanças significativas dos costumes e práticas familiares, escolares, sociais e políticas. Rojas observou que, como efeitos da revolução de 1968, as tradicionais estruturas familiares começaram a mudar: alteraram subs-

[*] Doutoranda em História pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), bolsista Capes.
[**] Doutorando em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), em Curitiba, bolsista do CNPq. Mestre em História pela UNESP, Campus de Franca. Professor do Departamento de História nos cursos de História e de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Campus de Amambai, em afastamento integral para estudos.

Recebido em: 01/10/2012 Aprovado em: 26/01/2013
http://dx.doi.org/10.5335/hdtv.13n.1.2716

tancialmente o papel da mulher dentro das relações conjugais e familiares, a relação entre pais e filhos e entre as distintas gerações, e ainda o peso das relações familiares dentro da constituição da própria personalidade dos indivíduos. Também, o papel social e familiar das mulheres foi revalorizado sobremaneira – o que expressa também no auge dos movimentos feministas – acrescentando a sua independência econômica à liberdade de decisão com respeito ao próprio corpo, à maternidade, à sexualidade e aos costumes em geral.[1]

Para Joana Pedro, o feminismo, enquanto um movimento social visível, foi marcado por "ondas". O feminismo de "primeira onda" se desenvolveu no final do século XIX e se caracterizou por reivindicações no âmbito dos direitos políticos, sociais e econômicos. Já o feminismo de "segunda onda" surgiu depois da Segunda Guerra Mundial e voltou-se para as lutas pelo direito ao corpo, ao prazer, e contra o patriarcado, entendido como o poder dos homens na subordinação das mulheres, um período onde a palavra de ordem era: "o privado é político". A autora observa também que foi com o feminismo de "segunda onda" que a categoria "gênero" foi criada, como tributária das lutas do feminismo e do movimento de mulheres.[2]

O movimento feminista retomado na década de 1970 se tornou importante na medida em que passou a questionar a organização sexual, social, política, econômica e cultural de um mundo marcadamente hierárquico, autoritário, masculino, branco e excludente.[3] Foi responsável por denunciar o esquecimento, o silêncio e a sombra em que permaneceram por muito tempo as mulheres. Um movimento peculiar, múltiplo e com pretensões diversas, que "conviveu com a diversidade, sem negar sua particularidade".[4] Alvo de muitas críticas, foi interpretado sob diversos prismas e por grupos distintos. Para a direita, se tratava de um movimento imoral e perigoso, para a esquerda, de "reformismo burguês", chegando até a ser considerado um movimento "antifeminino". Grupos religiosos também se posicionaram contra o feminismo, principalmente pela força do imaginário judaico-cristão na manutenção da desigualdade entre os gêneros.[5]

Assim, em meio a uma sociedade que passava por importantes mudanças sociais, econômicas e políticas, que levavam à contestação dos tradicionais papéis atribuídos aos homens e às mulheres, o campo religioso não conseguiu ficar "imune", sofrendo também o impacto dessas transformações, principalmente com a difusão das ideias feministas que incidiram diretamente sobre as relações de gênero. Como bem demonstrou Lucila Scavone, o feminismo abriu caminhos para que em todos os campos do social, as questões de gênero fossem difundidas. Em suas palavras: "o campo religioso, em seu aspecto institucional, tradicionalmente antifeminista, não ficou imune aos efeitos sociais e culturais das idéias feministas contemporâneas".[6]

Desse modo, pretendemos visualizar, a partir dos textos da revista *Servas do Senhor,* impresso oficial da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil (LSLB), a forma como as mulheres luteranas recepcionaram essas transformações ocorridas no mundo, a partir da

década de 1960. Tais transformações, direta ou indiretamente, promoveram mudanças no modelo de família, na organização da Igreja e, com o desenvolvimento desenfreado dos meios de comunicação, puseram as mulheres de frente aos posicionamentos defendidos pelos movimentos feministas. Isso explica nossa opção em dar destaque às representações sobre família, Igreja, mídia e feminismo, já que esses nunca se distanciaram das páginas da revista *Servas do Senhor*.

As mulheres luteranas, assim como muitos valores na sociedade, passaram por mudanças e transformações a partir da década de 1960, mudanças estas que em certos momentos levaram-nas a se sentir, às vezes, ultrapassadas em seus valores e conceitos, pois passavam a fazer parte de um novo contexto social. Essas mulheres acreditavam importante abrir-se para aceitar novas ideias, conceitos e valores. No entanto, "sem perder o rumo". Era imprescindível, dessa forma, que essas novas ideias não as fizessem perder o seu ponto de referência, pois isso acarretaria sérios prejuízos: não conseguir administrar as mudanças na vida familiar, na educação dos filhos, nas relações de trabalho, na Igreja e consigo mesma.

A escolha de uma revista para a realização deste trabalho se deu pelo reconhecimento que esse tipo de fonte alcançou nas últimas décadas nas pesquisas em História. Na década de 1970 ainda era relativamente pequeno o número de trabalhos que utilizavam jornais e revistas como fonte para o conhecimento de História do Brasil.[7] Nas décadas seguintes (palco de aberturas teóricas e metodológicas com os estudos em História Cultural), as publicações periódicas passaram a atrair a atenção de pesquisadores interessados no conhecimento e na avaliação intelectual de determinados períodos da História. Por suas características próprias, as publicações sequenciais podem proporcionar ao pesquisador possibilidade de vislumbrar quais seriam os temas de interesse em uma época, a maneira como foram abordados, quem eram seus autores, quem eram seus leitores.[8]

Mesmo com o crescimento no número de trabalhos voltados ao estudo de periódicos, principalmente jornais[9] e revistas[10], o estudo desses materiais no âmbito religioso ainda possui, no Brasil, considerável lacuna. Mesmo que as potencialidades dos materiais impressos para o estudo do gênero venham sendo apontadas desde a década de 1980, o estudo da mulher nos grupos evangélicos a partir de revistas é dificultado pela escassez de impressos nessas instituições, destinados e organizados por mulheres. Para Tania Regina de Lucca, a escolha dos periódicos como fonte de pesquisa para os estudos de gênero está relacionada ao fato de essa temática ser considerada uma das mais dinâmicas da historiografia contemporânea brasileira, "responsável por periódicos acadêmicos, centros de documentação e linhas de pesquisas em programas de pós-graduação".[11] Ela também alerta os pesquisadores que se utilizam de impressos como jornais e revistas para a pesquisa em História sobre a importância de se estudar de antemão as "técnicas de impressão" e o "lugar social" em que o periódico selecionado foi produzido.[12] Para ela, as diferenças na apresentação física e estruturação do conteúdo não se esgotam em si mesmas, elas apontam para

outras, relacionadas aos sentidos assumidos pelos periódicos no momento de circulação. Nesse contexto, as revistas femininas revelaram-se um importante instrumento para análise das representações femininas, em contextos e conjunturas específicas.[13] Para Dulcília Buitoni, se faz necessário perceber o que a imprensa feminina representa para uma determinada sociedade, sem resumi-la a receitas culinárias ou contos de amor. "Suas funções não são transparentes, não visam apenas conselhos práticos ou lazer. No espelho da imprensa feminina as imagens e as verdades são muitas".[14]

Liga de Senhoras Luteranas do Brasil (LSLB)

A primeira Liga de Mulheres da Igreja Luterana foi organizada na Igreja Luterana Sínodo de Missouri, nos Estados Unidos, a *Lutheran Women's Missionary Leage (LWML*). Ao que se tem nota, essa foi de grande importância tanto para as obras de missão como para o serviço social da comunidade. Na Igreja Luterana do Brasil, também aos poucos foram sendo fundadas sociedades de senhoras e foi a partir da formação dessas sociedades que as mulheres luteranas decidiram verificar a possibilidade de formar uma Liga Nacional, o que veio a se concretizar alguns anos mais tarde.[15]

A Liga das Senhoras Luteranas do Brasil foi criada em 1957 para ser uma entidade auxiliar da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB).[16] Era uma organização de mulheres, mas, sendo parte da Igreja, deveria manter-se intimamente relacionada com ela e seus programas dependeriam de seu apoio e aprovação. Conforme consta no Estatuto de 1960, a LSLB foi criada com as seguintes finalidades:

> a) Despertar e conservar maior espírito missionário entre as senhoras da nossa Igreja (educação missionária, inspiração missionária, serviço missionário); b) o de ajuntar fundos para determinados projetos missionários, especialmente para aqueles que não foram contemplados adequadamente no orçamento da Igreja; c) o de ajuntar fundos para fins beneficentes.[17]

Apesar dessa dependência, a Liga gozava de grande prestígio no corpo da Igreja, mormente por seu importante apoio financeiro, fruto do plano nacional das sacolinhas. A escolha do nome para a campanha de arrecadação foi motivada pelo fato de ser a sacola um acessório presente na vida doméstica da mulher, por isso instruía-se que todas as luteranas mantivessem na cozinha de suas casas uma "sacolinha" onde seria depositada parte do dinheiro resultante de pequenas compras diárias. As ofertas arrecadadas pelas sacolinhas eram destinadas à LSLB para a manutenção de trabalhos missionários em todo território nacional e em alguns casos também em missões no exterior.[18]

Além da ajuda financeira à Igreja, a Liga ainda mantinha uma revista trimestral tida como o mais importante elo de ligação entre a diretoria nacional da Liga e as mulheres luteranas de todo o Brasil. A revista iniciou com o nome de *Boletim Informativo da Liga das Senhoras Luteranas do Brasil*, em março de 1960. Conforme consta na Ata da reunião da diretoria nacional de 18 de março de 1960, nesse dia foi elaborado o esboço do primeiro boletim informativo: "este boletim

trará um relatório curto do Congresso Geral. A seguir uma explanação dos projetos adotados pela Liga, seguido de selos para a missão, Boletim Informativo, estatística, saudações e novos endereços. Incluir-se-á uma parte de humor e poesia".[19]

Todavia, a contínua organização da LSLB aliada ao sucesso de arrecadação das sacolinhas, permitiu que no ano de 1967 o visual do Boletim mudasse definitivamente, passando a chamar revista *Servas do Senhor*.[20] Com esse feito, as mulheres luteranas assumiam todas as dificuldades inerentes às publicações periódicas, principalmente os altos custos que envolviam a produção de um impresso dessa natureza. Porém, uma vez mais as luteranas mostraram grande capacidade de organização e conseguiram, por meio de inúmeras campanhas, manter por mais de trinta anos a circulação da revista *Servas do Senhor*, com a periodicidade respeitada até mesmo em momentos de graves instabilidades econômicas do país.

Isso nos leva a crer que a revista *Servas do Senhor* mostra-se uma fonte potencial para o estudo das mulheres nessa instituição, uma vez que suas percepções sobre as principais transformações ocorridas nas últimas décadas estiveram presentes nesse periódico.[21] A partir dessas considerações, veremos a seguir as representações das mulheres luteranas sobre família, Igreja, feminismo e mídia. Veremos que a preocupação com assuntos relacionados às transformações políticas, econômicas e sociais pelas quais passava a sociedade brasileira demonstra o quanto as colaboradoras da revista estavam conscientes de que poderiam ser afetadas de algum modo por essas mudanças.

A Família

Ao vermos as representações sobre a família apresentadas na revista, percebe-se como se davam as 'relações de gênero'[22] na Igreja luterana. De acordo com a doutrina da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), a mulher foi criada para ser "auxiliadora e companheira do homem", e, conforme a Ordem da criação, a mulher não poderia exercer "domínio sobre o marido" (1 Tm 2.12), mas, ao contrário, deveria "ser em tudo submissa ao marido", sendo governada por ele, haja vista que o "marido é cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da Igreja" (Ef 5.22-24; 1 Tm 2.11,12). Defendem ainda que a mulher não pode ensinar ou pregar publicamente, pois sua vocação principal é a maternidade e "que deve preservar a sua missão de mãe" e esposa com toda submissão e bom senso, tendo no lar a oportunidade de examinar a Escritura, orar, cantar, levar os filhos a Jesus, e com o marido "criá-los na disciplina e admoestação do Senhor" (Mc 10.13-16; Ef 6.4).[23]

Essa ideia de poder do marido sobre a esposa, tão clara no documento acima citado, é recorrente na tradição protestante, conforme indica Michelle Perrot. Segundo esta autora, tal posicionamento explica-se, em parte, pelo fato de que Calvino e Lutero tinham uma concepção muito patriarcal da família e, de certa maneira, reforçaram os poderes do marido e pai sobre as mulheres pelo pastorado. A mulher de pastor, modelo das mulheres reformadas, é o tipo da mulher ajudante de seu marido no exercício de seu ministério, segundo a autora.[24]

Nesse sentido, reproduzindo o discurso patriarcal da Igreja, o modelo de família apresentado na revista evidenciava que o lar deveria estar sempre calcado em princípios e hierarquia, distante de conflitos e desagregações.[25] Pelas razões aqui apontadas, ocupando o ponto mais alto da hierarquia familiar estava o marido, aquele que detinha o poder de tomar as principais decisões e por cuidar de todos os outros membros da família. Abaixo dele estaria a mulher, cuja principal função era a de ser mãe e esposa, tendo na Bíblia seu principal ponto de referência. A esposa deveria ser companheira, prestando auxílio ao marido numa relação de mútua dependência, enquadrando, assim, os padrões de seu lar aos velhos e milenares padrões bíblicos. No desempenho de suas funções, a esposa não poderia se esquecer de sua aparência externa, elemento de fundamental importância, devendo cuidar, ainda, de sua saúde, pois a rotina no lar, às vezes, fazia com que pequenos detalhes, tão observados pelos maridos, fossem deixados em segundo plano.[26]

Na perspectiva de Maria José Rosado Nunes, na tentativa de desconstruir o determinismo biológico, o pensamento feminista encontrou na religião um de seus principais adversários. Nas palavras da autora:

> As religiões têm, explícita ou implicitamente, em seu bojo teológico, em sua prática institucional e histórica, uma específica visão antropológica que estabelece e delimita os papéis masculinos e femininos. O fundamento dessa visão encontra-se em uma ordem não humana, não histórica, e, portanto, imutável e indiscutível, por tomar a forma de dogmas. Expressões das sociedades nas quais nasceram, as religiões espelham sua ordem de valores, que reproduzem em seu discurso, sob o manto da revelação divina. O lugar das mulheres no discurso e na prática religiosa não foi, e freqüentemente ainda não é, dos mais felizes.[27]

O destino biológico das mulheres, fundamentado pelos gregos, estendeu-se à formação dos pilares do cristianismo. Essa tradição marcou decisivamente um pensamento e uma prática voltados à inferiorização da mulher. Os relatos bíblicos da criação, atribuindo à mulher a culpa pela tentação e pelo pecado em relação a Deus, trouxeram efeitos terríveis e duradouros na história sobre a dignidade e a imagem do feminino.[28]

Os principais problemas enfrentados pelas famílias também eram discutidos na revista e, sobre esse assunto, a colaboradora Edith Karg fez a seguinte observação: "Os pais parecem pouco saber da confiança, desconfiados da vida, da economia, da política e do futuro, correm tensos e sem descanso atrás das preocupações, assim os filhos se tornam carentes, solitários e procuram compensações para o que lhes falta" [29]. Para Edith Karg, essa situação justificava a crise que, segundo ela, vivia a família em meados da década de 1990.

No entanto, a insatisfação de Edith na verdade era com a inserção da mulher luterana no mercado de trabalho. É importante destacar que tal posicionamento não era compartilhado por todas as mulheres luteranas, uma vez que algumas viam positivamente o fato da mulher exercer atividades fora do ambiente doméstico. Porém, havia aquelas que acreditavam que as atividades desenvolvidas pelas mulheres deveriam se limitar ao próprio lar, ao passo que a inser-

ção da mulher no mercado de trabalho trazia sérios prejuízos à família cristã, como por exemplo, o aumento de separações e os casos de filhos que passavam grande tempo sozinhos ou entregues a empregados, "educando-se" a si próprios, quando na realidade a educação deveria ser ministrada pelos pais, principalmente no que dizia respeito à formação espiritual. Nesse caso, percebemos que a mulher "aparece como o eixo central da família e contribui para a sociedade na medida em que permanece no domínio do privado, em oposição ao homem que se situa na esfera pública".[30]

A homossexualidade também representava uma grande ameaça às famílias cristãs luteranas. Os textos da revista evidenciaram que a Igreja Luterana caracterizava o movimento gay como "vergonhoso e indecente". [31] A disseminação do movimento gay no Brasil causava um sentimento de indignação e inquietação nas luteranas, que acreditavam que até mesmo os lares cristãos não estavam livres do "infortúnio" que representava o "homossexualismo".[32]

Assim, diante dessa "ameaça homossexual", era responsabilidade das mães como "sacerdotisas do lar" não ficarem indiferentes diante do movimento, devendo observar as companhias de seus filhos, tanto dos meninos, quanto das meninas, orientá-los e encaminhá-los ao caminho certo e exemplar, de acordo com os preceitos bíblicos.

A colaboradora Neise Valença, escrevendo em 1985 sobre o assunto na revista *Servas do Senhor*, afirmava que às crianças deveria ser explicado que apesar de a mulher ser fruto de uma costela do homem, havia enormes diferenças entre ambos. Agindo assim, os pais não estariam sendo machistas, estariam apenas orientando os filhos na disciplina cristã. Alertava também para a necessidade de se controlar tantas imoralidades no país como a legalização do chamado "amor livre" e do "sexo explícito". Desse modo, a homossexualidade não poderia em hipótese alguma ser considerada algo normal e compreensível, pois, na opinião luterana, os homossexuais eram "infelizes criaturas", com "reduzido ou nenhum conhecimento bíblico", enquanto "cristãos não agiriam de maneira tão degradante". Neise Valença escreveu o seguinte sobre o apoio dado ao "homossexualismo":

> As pessoas que estão apoiando o movimento gay pensam estar certas. Defendendo o direito de o ser humano fazer o que quiser com o seu próprio corpo, elas mostram o quanto ignoram a santa palavra de Deus (...) 'Semelhantemente, os homens também deixando o contato natural da mulher, se inflamaram mutuamente em sua sensualidade, cometendo torpeza, homens com homens, recebendo em si mesmos a merecida punição dos seus erros'(Rm 1. 27).[33]

Caracterizando a homossexualidade como "uma doença e depravação", alertava aos pais que, ao nascerem crianças com problemas anatômicos ou hormonais, deveriam levá-las a um especialista para que fosse feito tratamento adequado. Para o problema hormonal a solução seria uma medicação adequada, já para problemas anatômicos a solução seria uma cirurgia para definir o sexo da criança. O importante, nesses casos, era não permanecer nenhuma indecisão quanto ao sexo da criança, "porque Deus fez o homem e a mulher, e deu a cada um a sua exata característica diferencial".[34]

O papel da mulher luterana no lar ia, no entanto, da obediência, do zelo com a educação dos filhos e da coragem para enfrentar as ideias modernas, pois a aparência era também considerada como aspecto fundamental. Aparência e capricho foram assuntos discutidos na revistas *Servas do Senhor* do segundo trimestre de 1974, que trouxe uma coluna intitulada "Cantinho Prático," com lembretes e conselhos às esposas sobre aparência externa e interna e suas implicações no lar. Entre os conselhos, estava a importância em cuidar da saúde e da aparência pessoal, pois as mulheres entendiam que a rotina no lar era a principal responsável por fazê-las esquecer de si mesmas, tornando-se, às vezes, "velhas e ranzinzas". Dessa forma, fazia-se necessário que a esposa não deixasse o marido vê-la suja, despenteada ou desleixada, e que, ao sentar-se à mesa com os seus familiares, ela não deveria agradá-los sempre.

Nesse sentido, a colaboradora Frida Thomé destacou outros pontos que julgava importantes nesse quesito, a saber:

> Esposa sempre com rolos no cabelo, mulher que vai dormir cheia de cremes de beleza, que vive de chambre quando em casa. Ele não gosta de ser assaltado com queixas e lamúrias quando volta ao lar cansado do trabalho diário. Crianças brigando e discutindo deixam-no nervoso e indisposto.[35]

Em contrapartida, deu ênfase às ações que poderiam ser úteis na dinamização do relacionamento cotidiano:

> Uma mesa farta e variada, com um mínimo de despesa, esposa sempre jovem e disposta. Esposa que ande bem vestida, sem exageros nem gastos demasiados. Gosta daquela que mostre interesse pelo trabalho do marido e o ajude em tudo, o acompanhe sempre onde ele quer ir. Ele gosta daquela que seja sempre e em qualquer ocasião a esposa ideal com a qual sempre sonhou.[36]

A colaboradora Nilia Ani Schlesner, no ano de 1994, trouxe à baila um assunto inusitado: a realização sexual da mulher. Ani Schlesner, mesmo sem negar a obrigação da mulher em fazer a felicidade de seu cônjuge, ressaltou que a mulher também deveria permitir a felicidade a si mesma, principalmente quando o assunto fosse "o ato conjugal". Nilia apontou para o fato de que a maioria das mulheres não se realizava sexualmente, afirmando claramente: "somos sexualmente insatisfeitas e conseqüentemente infelizes; já que o sexo é tão somente, mais um complemento físico, como: beber, comer, respirar."[37]

Entre as principais causas apontadas por Nilia Schlesner para a "infelicidade sexual" das mulheres, estavam:

> 1) O fato de sermos mães, donas-de-casa respeitáveis nos inibe a praticar o sexo. A não nos entregarmos plenamente.
> 2) Temos medo de nos deixar amar, pois isto implica em assumir o nosso ser mais íntimo, mais secreto, e precisamos sempre ter os pés no chão e não deixar fluir as fantasias e o romantismo.
> 3) Temos vergonha porque a maioria de nós já não é mais tão jovem e a decadência do corpo é visível e a atração física se resume a frustração evidente
> 4) Nós estamos condicionadas ao papel de simples donas-de-casa e não temos imaginação e criatividade de conduzir o ato sexual como deve ser. Pois toda e qualquer iniciativa deve sempre partir dos homens, e ficamos relevadas ao servilismo masculino.[38]

O texto de Nilia Schlesner é extremamente relevante na história da revista em estudo, pois a autora foi a primeira a relacionar a ideia de infelicidade sexual das mulheres aos problemas do dia a dia, tais

como trabalho em excesso, turbulências no lar, problemas financeiros, aparência física. Mesmo assim, o pequeno texto-manifesto de Nilia Schlesner, com seu tom de clareza, sem qualquer instrumento eufêmico – tão comum na revista *Servas do Senhor* quando o assunto em discussão era o sexo – não teve maior ressonância e o assunto voltou abruptamente ao esquecimento nos números posteriores.

Luiza Tomita, ao analisar a influência da tradição cristã patriarcal sobre a concepção que as mulheres têm de seus próprios corpos, observa que o conflito e a renúncia são elementos constantes na existência dos seres humanos, uma vez que o Cristianismo nunca pregou o desejo à gratificação como importantes pilares para o desenvolvimento do ser humano. Ao contrário, pregou a renúncia e o sacrifício como fundamentais para uma manifestação correta da fé. De acordo com a autora, as mulheres foram as mais atingidas por essa teoria da renúncia e do sacrifício, presentes no Cristianismo, pois foram definidas como "seres-para-o-outro", para servir, não só do ponto de vista material, mas também sexual, para se casar e serem mães.[39]

O feminismo

Em meio a uma conjuntura onde se almejava a "igualdade entre os sexos", a revista *Servas do Senhor* trazia um conjunto de práticas e posturas cristãs que contribuíam para conferir uma identidade às mulheres luteranas, que as diferenciassem, principalmente, das feministas. A revista utilizava-se da Bíblia como principal referencial para destacar as características inerentes à mulher cristã, através de apontamentos que procuravam reforçar o ideal de mulher cristã presente na Igreja Luterana e, ao mesmo tempo, salientar a indignação com o ideal de mulher proposto pelas feministas. Aqui reside uma clara demarcação de identidade[40], pois havia uma nítida tentativa, por parte da revista, de dividir as mulheres em dois grupos "nós", as luteranas, e "elas", as feministas, onde o grupo das luteranas se sobrepunha ao das "outras", pois era composto por mulheres tementes a Deus, que aceitavam a condição de submissão da mulher ao homem, julgando que isso faria parte da condição natural da mulher.

Para as mulheres luteranas, a desobediência, a tentativa das feministas de liberar o aborto em detrimento da vida e as desavenças no lar, contribuíam para a decadência da mulher. Consideravam que o feminismo, enquanto uma tentativa das mulheres de se igualarem aos homens em direitos e deveres, era algo desnecessário, pois julgavam que "por natureza a mulher é[ra] fisiologicamente e psicologicamente diferente do homem".[41] Ressaltavam, assim, que o fato de a mulher ser "frágil", "companheira", "compreensiva", não poderia condená-la a viver à "sombra do homem", uma vez que esses valores, longe de serem fatores desagregadores, eram, na verdade, qualidades que serviam de ponto de apoio ao homem.

Como se pôde perceber, o feminismo não era bem visto pelas colaboradoras da revista *Servas do Senhor*. Mas elas iam além da crítica velada e lançavam-se claramente contra as mulheres sedentas pela liberdade e inovações pregadas pelas feministas. Des-

se modo, defendiam que a mulher antes de esperar mais inovações, de reivindicar mais, de participar de movimentos feministas (considerados os responsáveis por levar as famílias à anarquia e desintegração), deveria recuperar a feminilidade sufocada pelo orgulho e sentimento de competição com o homem.

Esse sentimento fica bem sintetizado na fala da colaboradora Neise Priebe, que escreveu em 1981, na revista *Servas do Senhor*, um artigo intitulado "A mulher cristã na década de 80". Para Neise Priebe, a sociedade havia se transformado no retrato vivo de mães egoístas, ambiciosas, materialistas, estritamente feministas, que, esqueciam de sua sublime missão de esposa e mãe tornando-se cada dia mais masculinizadas, correndo atrás de dinheiro, status etc.[42]. "Espero que a mulher da década de 80 faça fluir sua feminilidade até agora sufocada pelo orgulho e pelo sentimento de competição com o homem, que seja mais cristã e sobretudo, mãe"[43], dizia Neise. Nesse sentido, diante de tantos fatores que contribuíam para corromper as mulheres, desviando-as de seu papel de mãe e esposa, caberia à mulher luterana manter-se fundamentada nos ensinamentos cristãos, para, dessa forma, poder desempenhar sua função de mãe consciente e educadora. As luteranas demonstravam que os efeitos do feminismo no casamento eram os piores possíveis, uma vez que as esposas, defendendo um discurso de independência e emancipação, se recusavam a submeter-se às exigências dos maridos.[44]

Conforme apontou Raquel Soihet, nos anos de 1980 o "antifeminismo" se utilizou de inúmeros disfarces na tentativa de restabelecer a ordem tradicional entre os gêneros, enquanto que o feminismo buscava convencer as mulheres acerca da importância de se tornarem livres para definir a si mesmas, em lugar de terem a sua identidade definida pela cultura ou pelos homens que as cercavam.[45]

Pautadas no ideal de que a mulher deveria ser, primeiramente, mãe e esposa, foi que as luteranas condenaram toda a discussão em torno da legalização do aborto no Brasil. Colocavam o aborto como uma das principais pautas do movimento feminista, alertando que o movimento buscava mudanças de mentalidade e institucionais a respeito do assunto. No intuito de manifestarem sua opinião sobre o aborto, em janeiro de 1984, um grupo de luteranas de Porto Alegre publicou na revista *Servas do Senhor* uma carta de repúdio à legalização do aborto no Brasil. A carta, dirigida ao senhor Pedro Montenegro Barbosa, presidente do movimento "Defesa da Vida", fazia o seguinte alerta:

> [...] Este movimento a favor da legalização foi desencadeado por mulheres, não temente a Deus, que arrolam para si o direito de falar e agir em nome das mulheres brasileiras, das quais, milhares de cristãs luteranas fazem parte e por não estarem de acordo, não podem silenciar. Como podem as mulheres algum dia subsistir diante de Deus, quando todas as crianças, às quais foi negado o direito de nascer, acusarem os culpados? Pode uma mãe, pelo resto da sua vida se sentir despreocupadamente alegre, se ela matou o seu próprio filho? Pode Deus abençoar um país que decreta uma lei que permite tirar a vida a pequenos seres indefesos? [46]

Através desse documento-manifesto as senhoras luteranas, como mulheres e mães cristãs, procuraram mostrar seu sentimento de indignação e repúdio com a legalização de algo que consideravam um crime, uma vez que entendiam estar o aborto incluído no mandamento bíblico "não matarás".

Ainda foi sugerido às leitoras da revista que também escrevessem cartas repudiando o aborto, demonstrando, dessa forma, o sentimento de decepção das senhoras luteranas com a legalização dessa prática no Brasil. As luteranas acreditavam que uma das tarefas da Liga seria a de "alertar contra a prática do aborto, para que um dia, nós e muitas outras que seguiram o nosso exemplo possam dizer ao Senhor: aqui estou e todos os filhos que me quiseste dar".[47]

A participação da mulher na Igreja

As luteranas, beneficiadas com as mudanças ocorridas na sociedade a partir da década de 1970, as quais elas próprias criticavam veementemente, reivindicaram, à sua maneira, novos espaços de atuação e o reconhecimento pelo seu trabalho na Igreja. A criação dos primeiros departamentos de senhoras e, posteriormente, da LSLB, representou mudanças significativas para as luteranas e, também, uma das primeiras conquistas de seu espaço social e religioso dentro da Igreja. Na busca pelo reconhecimento do trabalho da mulher na Igreja, a revista *Servas do Senhor* foi uma grande aliada das luteranas, pois, por meio dela, a Liga divulgava os trabalhos realizados pelas mulheres em prol da Igreja, mostrando que através das ofertas das sacolinhas a LSLB desenvolvia e auxiliava importantes projetos visando proporcionar condições para o crescimento da Igreja.

No quarto trimestre de 1999 a revista trouxe um balanço sobre fatos marcantes da evolução histórica da mulher luterana na família, na sociedade e na Igreja, procurando, desse modo, traçar o perfil da mulher luterana ao longo do século XX. Com relação à participação feminina na Igreja, a revista procurava mostrar a gradativa evolução da mulher luterana na busca por maior espaço de atuação. Assim, o artigo lembrava que nas primeiras décadas da IELB no Brasil, a participação das mulheres se restringia somente aos cultos com o marido, já que não possuíam a sua organização e seu espaço participativo na administração ou formação da Igreja. Porém, inseridas em uma sociedade em transformação, pouco a pouco, passaram a ocupar espaços dentro das congregações, conforme relata o trecho a seguir:

> Foi através do exercício nas reuniões do departamento feminino que ela tomou consciência de sua responsabilidade e despertou o desejo de conquistar o direito de participar das Assembléias Gerais com votante, quebrando a hegemonia masculina nas assembléias e na administração da congregação.[48]

O artigo enfatizava ainda que as mulheres se encontravam na vanguarda do processo evolutivo da Igreja Luterana, mostrando que dos familiares eram elas que estavam mais comprometidas com o trabalho da Igreja:

> Como integrante da LSLB, tem contribuído regularmente para a construção de capelas, formação de novos pastores e assistência à família e à mulher, através da litera-

tura. Canaliza as ofertas na missão distrital a nacional através do plano das sacolinhas. Participa da missão local, regional e nacional através das ofertas das sacolinhas (sacolinhas é um recipiente confeccionado de pano, pendurado na sua cozinha, onde deposita os trocos da suas compras), de ações pessoais, ofertas e promoções de ordem social. Mantém a revista *Servas do Senhor*, órgão oficial da LSLB que leva a informação e a formação para todo o Brasil, é um ícone de bom referencial missionário. Organizou-se nacionalmente através de congressos que ocorrem de dois em dois anos. Nos últimos anos, através de líderes regionais e distritais, desenvolveu um novo fórum de debates para novos caminhos, ouvir a liderança e delinear ações mais profundas e ágeis para atingir com mais eficiência as bases de sustentação.[49]

Nesse sentido, a revista procurava mostrar o quanto a LSLB, através dos exitosos resultados de seus trabalhos, for, aos poucos, ampliando seu campo de participação nas atividades da Igreja. As entidades auxiliadas pela Liga também escreviam para a revista no intuito de manifestar gratidão pelas ofertas recebidas. Esse foi o caso da Escola Especial Concórdia para Surdos, que enviou uma nota de agradecimento à revista pela doação recebida:

> A nossa escola agradece muito às Senhoras Luteranas pela doação de Cr$ 2.000,00 a nós enviada. Com este dinheiro nós conseguimos comprar mesas para o jardim de infância, quadros-negros, espelhos e também dividir as salas de aulas com paredes de madeira, que se fazia tão necessário para nosso trabalho. Nossos alunos agradecem muito. São ajudas como esta que estimulam nosso trabalho, e vemos com isso que não estamos sós, que podemos contar com pessoas como as senhoras para ajudar essas crianças que tanto precisam de nosso auxílio e amor.[50]

A IELB considera que todos os textos bíblicos, ao falarem da atividade sacerdotal do Antigo Testamento e do ministério pastoral no Novo Testamento, sempre se dirigem ao homem. Assim, diante de tal constatação, para a IELB fica evidente que não é permitido à mulher exercer o ministério pastoral na Igreja cristã por ser esta uma responsabilidade que Deus entregou ao homem. No entanto, a Igreja luterana reconhece que as mulheres têm muitas outras oportunidades para servir a Deus, seja no lar, na congregação ou na sociedade, como mãe, esposa e "serva do Senhor".[51]

Assim, impedidas de exercer a atividade pastoral, as luteranas procuraram outras formas de atuação e o sistema de arrecadação de ofertas por meio das sacolinhas permitia auxiliar a Igreja de diversas maneiras: através de bolsas de estudo para alunos carentes dos seminários, auxílio para a construção de capelas nos campos de missão, compra de automóveis, material missionário, material para a escola dominical, assistência às missões, assistência a entidades sociais, à família e à mulher, principalmente através da literatura. Também recebiam auxílio os projetos de missão no exterior como em Portugal e no Paraguai.[52]

A mídia

É possível perceber através da revista *Servas do Senhor* que as mulheres luteranas manifestavam um descontentamento com "os exageros e o baixo nível presente na mídia brasileira", que, segundo elas, era responsável por oferecer "conteúdos duvidosos e ofensivos à moral".

Sendo assim, um caso que não passou despercebido aos olhos das mulheres luteranas foi o desfile da atriz Luma de Oliveira no carnaval de 1998, que ganhou as capas de revistas e jornais, quando a atriz desfilou tendo no pescoço uma coleira onde estava gravado o nome de seu marido. A homenagem inusitada de Luma ao marido provocou as mais diversas reações das feministas, de colunistas, bem como das mulheres luteranas. Para algumas, simbolizava submissão; para outras, demonstrava ter ela um caráter independente e firme de autonomia. Houve aquelas que viram, na coleira usada, uma maneira da mulher declarar ao mundo que tem dono e que concorda em pertencer-lhe, desde que lhe seja dada plena liberdade de ação.

No entanto, a colaboradora da revista Elaine Stahlhoefer defendeu ter a esposa cristã outra maneira de demonstrar fidelidade ao marido, comportando-se como cidadã, esposa e mãe, à luz dos ensinamentos do Senhor: "o elo forte e sincero é invisível, não se ostenta no pescoço com uma tira de couro ou mesmo de diamantes, mas existe firme e puro dentro do coração e se chama amor". Precisamos de alguma coleira para demonstrar o que somos e a quem pertencemos? questionou Elaine. Para ela, a mulher era responsável por uma pequena, porém, importante célula social, a família, um espaço onde a mulher cristã tinha influência para seus maridos e filhos, onde possuía valor, mas não era preciso uma coleira para demonstrar isso.

A colaboradora Carmen Gonçalves também escreveu um artigo sobre um caso que muito polemizou o cenário político brasileiro no início da década de 1990, o caso de amor entre a Ministra da Fazenda Zélia Cardoso de Mello e o Ministro Bernardo Cabral, que, de bilhetinhos, paqueras e encontros e desencontros, ganhou espaços em jornais, revistas, e inclusive foi retratado em um livro[53]. Em um artigo publicado na revista *Servas do Senhor* de 1991, o pastor luterano e professor Lauro Patzer fez algumas considerações sobre o caso Zélia/Cabral, das quais Carmem discordou frontalmente e, como cristã, decidiu expor seu ponto de vista.

O professor Lauro Patzer deixou claro no início de seu artigo que iria analisar o "fenômeno" sem nenhum tipo de preconceito, por lidar com sociologia no meio universitário. Nesse sentido, procurou mostrar que em todos os lugares havia pessoas suscetíveis a tecer julgamentos e condenações, referindo-se aos "caçadores de intrigas", "moralistas de plantão", machistas e feministas que passaram a dividir opiniões sobre o caso, transformando Zélia na "infeliz apaixonada" e na "mulher corajosa e moderna", e Cabral no "machão do ano".[54]

O professor prosseguiu dizendo que em nome da "moral" as pessoas julgavam ter o direito de entrar na privacidade alheia, questionando se os moralistas, em determinado ponto de suas personalidades, não poderiam esconder algo da "síndrome cabraliana", e escreveu o seguinte:

> E se todos têm um razoável armazém de íntimas e triviais fraquezas, por que, então, escandalizar-se tanto com os outros? Por que atirar pedras? O genuíno humanismo jamais se arvora sobre sentenças condenatórias. A sociedade só cresce humanitariamente, quando as pessoas são sensíveis e tolerantes ao drama alheio. Mas a imperfeição de todo julgamento faz-nos perguntar se a nossa opinião é justa?[55]

Apesar de se querer neutro diante do caso, o posicionamento de Patzer pode ser comparado ao de defensor de Zélia e Cabral, tornando esse um dos principais motivos que levou Carmen Gonçalves a escrever mostrando seu ponto de vista.

Em carta enviada à redação da revista *Servas do Senhor* em 27 de fevereiro de 1992, Carmem explicou os motivos que a levou a escrever o artigo-resposta a Lauro Patzer. A carta iniciava-se com a seguinte argumentação:

> Ao ler a revista *Servas do Senhor*, número correspondente aos meses de outubro/novembro/dezembro de 91, fiquei surpresa ao deparar-me com o texto publicado à página 8 de autoria do Sr. Lauro Patzer a respeito do caso Zélia/Cabral. Suas afirmativas me pareceram inteiramente contrárias à visão cristã que julgo deveríamos ter do caso. Cheguei a lamentar que uma revista escrita e dirigida por cristãs publicasse um enfoque tão distorcido, a meu ver, a respeito do pecado. Refletindo mais e analisando cada linha do texto em questão, achei que seria de meu dever escrever um texto mostrando o ponto de vista que julgo correto.[56]

Carmem prosseguiu, afirmando que sua intenção ao escrever o artigo era a de ajudar as pessoas a pensar sobre o assunto e analisá-lo da melhor forma possível à "luz da palavra de Deus", dessa forma esperava que a revista aceitasse e publicasse sua colaboração. Na ocasião Carmem também se colocou à disposição da revista para futuras colaborações: "aproveito a oportunidade para colocar-me à disposição da revista para escrever sobre assuntos que dizem respeito à vida da mulher cristã. Sou professora de francês e tenho curso de especialização em Educação (área de Psico-pedagogia), além de alguma experiência no trabalho congregacional e de assistência social".[57] Apesar do desconforto causado pelo artigo de Lauro Patzer, Carmem encerrou sua carta elogiando a iniciativa da revista em discutir assuntos atuais sob um enfoque cristão:

> Parece-me correto que a revista *Servas* procure trazer assuntos bem atuais a fim de que sejam analisados e debatidos sob o enfoque cristão, auxiliando assim na tarefa da educação cristã tão necessária e que deve ter caráter permanente. Sirvo-me desta para desejar-lhe e às demais redatoras muitas bênçãos do Senhor em suas vidas. Atenciosamente, Carmem Cynira Otero Gonçalves.[58]

A revista *Servas do Senhor*, por sua vez, enviou uma carta à Carmem Gonçalves acusando o recebimento de sua carta acompanhada do artigo. Na carta, as redatoras da revista comunicavam que enviariam uma cópia do documento a Lauro Patzer e publicariam o artigo no segundo trimestre daquele ano, 1992. Com relação à colaboração de Carmem, a revista assim se manifestou:

> Consideramos importante sua colaboração, pois o assunto é polêmico, e suas argumentações de contestação baseadas biblicamente, certamente interessarão e virão a sanar dúvidas talvez também suscitadas em outras leitoras. Gostaríamos imensamente de contar com sua colaboração para a nossa revista. Temos a página "Deus é real", que conta com testemunhos pessoais de como Deus se faz real na vida dos cristãos; a partir deste número de abril/junho, abordaremos assunto sobre: pais e filhos (relacionamento), gestação, relacionamento conjugal, higiene pessoal e outros aspectos médicos que interessam à mulher, sua colaboração em todos os setores será bem vinda.[59]

Passamos então ao artigo de Carmem Gonçalves, publicado no segundo trimestre da revista *Servas do Senhor* de 1992. Inicialmente Carmen respondeu a Patzer dizendo que ao contrário do que ele defendia, existiam sim parâmetros necessários para julgar uma história de amor, eram aqueles calcados na palavra de Deus. Considerou o caso Zélia/Cabral como um adultério, uma vez que o ministro ainda não estava separado de sua esposa quando se envolveu com Zélia, "ninguém em nome da moralidade entrou na privacidade dos dois; eles tornaram público seu romance, e depois que este terminou a ministra relatou-o com detalhes a fim de que Fernando Sabino o transformasse em livro".[60] Acrescentou ainda que em seu artigo, Patzer defendia a inclinação do ser humano para a prática do pecado, algo que os cristãos, ainda imperfeitos, tentavam afastar de suas vidas com o auxílio de Deus.

No entanto, Carmen considerou como o ápice do caso, a troca de bilhetes de amor durante as reuniões do ministério entre Zélia e Cabral, enquanto os brasileiros, "vivendo na fome e na miséria", dependiam de suas decisões, "ao drama dessas pessoas é que devemos ser sensíveis e humanitários. Governantes irresponsáveis, que descuram de seus deveres e que depois ainda se fazem de vítimas (Zélia tentou mostrar-se como pobre Cinderela iludida e abandonada) não merecem nossa tolerância".[61] Carmem dizia ainda que o país já tinha muitos governantes e políticos egoístas que usavam de seus cargos para exercer poder, ganhar dinheiro ilicitamente ou ainda alimentar suas vaidades, situação que merecia mudanças.

Carmen explica a Patzer que a própria sociologia, a que ele se referiu, deixava evidentes provas de que a sociedade estaria longe de atingir a perfeição, onde reinasse o progresso, a justiça e onde os políticos fossem os "servidores do povo e não seus algozes".[62]

Carmen concluiu suas considerações sobre o caso, acreditando que em nome da tolerância, da compreensão ou do modernismo, não poderia aceitar o pecado, deveria lutar contra ele, auxiliando os outros a não pecar. "Quanto ao julgamento de cada um, ele a Deus pertence. Quanto à minha opinião, tenho certeza de que é justa, pois está de acordo com o que Deus diz na Bíblia, confira Efésios 5:8-12". [63]

Esse fato foi bastante emblemático para a história da revista *Servas do Senhor*: um homem sai em defesa de uma mulher que era, então, execrada pela mídia. Utiliza uma revista organizada por mulheres para publicar seu artigo e recebe uma manifestação furiosa por parte de uma das colaboradoras da mesma revista que afirmava falar em nome das mulheres de bem.

Considerações Finais

As características construídas pela moral cristã, em torno do feminino, como o cuidado do lar, da família e do bom desempenho da maternidade, além de negar à mulher outras possibilidades, servem para enclausurá-la no espaço doméstico. Atribuindo tais características à mulher, a moralidade cristã legitima os papéis e reconhece a submissão das mulheres ao homem como ordem natural, perversa, imutável.[64]

No contexto analisado neste trabalho, vimos que em meio a uma sociedade em profundas mudanças, através da revista *Servas do Senhor*, as mulheres luteranas projetavam o ideal feminino aceitável pela Igreja Luterana, a representação da mulher submissa naturalmente disposta a servir, a ser uma esposa companheira e uma mãe exemplar. Representações que, segundo a Igreja, seriam condizentes com a diferença entre homem e mulher estabelecida pela ordem da criação.

Mas por outro lado, também vimos que as luteranas se organizaram e se destacaram, ampliando seu campo de participação nas atividades da Igreja através da LSLB, um importante espaço onde atuavam sem promover um conflito aberto com a liderança masculina. Às vezes recuando em seus posicionamentos, ora afinando-se aos discursos dos homens, as luteranas se utilizavam dos exitosos resultados de seus trabalhos para romper com a tradicional hierarquia protestante e permitir o acesso das mulheres aos cargos considerados exclusivamente masculinos. Isso nos faz lembrar as palavras de Rosado Nunes, quando essa autora diz que as religiões são "espaços sociais complexos, portadores de contradições, que não funcionam sempre e em todas as sociedades como forças conservadoras. Dadas certas circunstâncias, elas podem funcionar como forças mobilizadoras, levando as mulheres a resistir ao seu poder disciplinador".[65]

From near and far: the debates about family, church, media and feminism in the Servas do Senhor Magazine (1960-2000)

Abstract

This article discusses the representations of women in the press, in the period between 1960 to 2000. Thus, we want to see by *Servas do Senhor* Magazine, official printed of the *Liga de Senhoras Luteranas do Brasil (LSLBB),* how lutheran's women aproved important chances in the world from the 1960's that directly or indirectly, encouraged changes in model of family, gender relationship, and the organization of the church.

Keywords: Gender relationship. Representations of women. Press.

De cerca y de lejos: los debates sobre familia, iglesia, media y feminismo en la revista Servas do Senhor (1960 - 2000)

Resumen

Este texto pretende analizar las representaciones femeninas en la prensa, en el período comprendido entre 1960 y 2000. Así, pretendemos visualizar por medio de la revista *Servas do Senhor,* impreso oficial de la Liga de Senhoras Luteranas do Brasil (LSLB), como las mujeres luteranas recibirán importantes transforma-

ciones ocurridas en el mundo a partir de la década de 1960 que, directa o indirectamente, promocionaran cambios en el modelo de familia, relaciones de género y en la organización de la iglesia.

Palabras-clave: Relaciones de género. Representaciones femeninas. Prensa.

Notas

1 AGUIRRE ROJAS, Carlos Antônio. *Uma história dos Annales (1921-2001).* Tradução de Jurandir Malerba. Maringá – PR, Eduem, 2004.

2 PEDRO, J. M. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História*, São Paulo - SP, v. 24, n. 1, 2005, p. 79.

3 RAGO, Margareth. "Adeus ao feminismo? Feminismo e (pós) modernidade no Brasil". *Cadernos Arquivo Edgard Leuenroth*, Campinas - SP, 1997, p. 11-43.

4 SARTI, Cynthia. Andersen. "O início do feminismo sob a ditadura no Brasil: o que ficou escondido". XXI Congresso Internacional da LASA (Latin American Studies Association), Chicago, Illinois, 1998, p. 06.

5 SOUZA, Sandra Duarte de. (Org.) *Gênero e Religião no Brasil:* ensaios feministas. São Bernardo do Campo: Editora da Umesp. 2006.

6 SCAVONE, Lucila. "Religiões, Gênero e Feminismo". Rever (PUCSP). v. 8, 2008, p. 07.

7 DE LUCA, Tania Regina. "História dos, nos e por meio dos periódicos". PINSKY, C. B. (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo – SP, Contexto, 2005, p. 111-153.

8 CORRÊA, Anna Maria Martinez. "Prefácio". DE LUCA, Tania Regina. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação.* São Paulo – SP, Editora da UNESP, 1999.

9 CAPELATO, Maria Helena Rolim; PRADO, Maria Ligia. *O bravo matutino: imprensa e ideologia no jornal O Estado de S. Paulo*. São Paulo – SP, Alfa-Omega, 1980; ABREU, A. A. (Org.). *A imprensa em transição:* jornalismo brasileiro nos anos 50. Rio de Janeiro – RJ, FGV, 1996.

10 BASSANEZI, Carla. *Virando as páginas, revendo as mulheres: revistas femininas e relações homem-mulher, 1945-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996; DE LUCA, Tania Regina. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo - SP, Editora da UNESP, 1999.

11 DE LUCA, Tania Regina. Op. cit., 2005, p. 126.

12 DE LUCA, Tania Regina. Op. cit., 2005, p. 131.

13 DEL PRIORI, M. História das mulheres: as vozes do silêncio. In: FREITAS, M. C. (Org.). *Historiografia brasileira em perspectiva.* São Paulo - SP, Editora Contexto, 2001, p. 229.

14 BUITONI, D. S. *Imprensa feminina*. São Paulo - SP, Ática, 1990, p. 05

15 WARTH. Carlos H. *Crônicas da Igreja: fatos históricos da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (1900-1974).* Porto Alegre, Concórdia Editora, 1979, p. 208.

16 Livro n° 1 de Atas de Congressos Nacionais. Ata do 1° Congresso Geral da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, 1957. Caixa de atas de Congressos Nacionais do 1 ao 22. Arquivo da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, Porto Alegre, RS. (manuscrita).

17 Estatutos da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil (LSLB). Livro de Estatutos da LSLB de 1960. Arquivo da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, Porto Alegre, RS. (manuscrito)

18 Servas do Senhor. 1º trim. de 1988. Rio Grande do Sul: Editora concórdia, p. 17.

19 Ata da Reunião da Liga de Senhoras Luteranas de 1960 (manuscrita). Atas das Reuniões da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil (LSLB), livro n° 1, caixa de Atas de Reuniões do início da LSLB até 2003. Arquivo da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, Porto Alegre – RS.

20 Ata da Reunião da Liga de Senhoras Luteranas de 1966. Atas das Reuniões da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil (LSLB), livro n° 1, caixa de Atas de Reuniões do início da LSLB até 2003. Arquivo da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, Porto Alegre – RS. (manuscrita).

21 O conceito de representação utilizado neste estudo baseia-se no historiador Roger Chartier, para quem as representações sociais são determinadas pelo grupo que as forjam, são percepções do social, discursos que produzem práticas e buscam legitimar ou justificar, para os próprios indivíduos as suas escolhas e condutas. Elas só têm sentido se comandarem práticas que resultam na construção de um mundo social e uma identidade. Desse modo, ao considerarmos a revista *Servas do Senhor* como uma "prática cultural" (CHARTIER, 1996, p. 78), conseguiremos visualizar as "representações" emanadas pelo "grupo" responsável pelo impresso, ou seja, as "percepções do social", as tentativas de "legitimação", "justificação" das "escolhas e "condutas" que buscavam a consolidação de uma "identidade" da mulher luterana (CHARTIER, 1988; 1991).

[22] A definição de gênero utilizada neste estudo baseia-se na definição de Joan Scott, para quem o gênero "é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder" (SCOTT, 1996, p. 14). Para Scott, utilizar a categoria gênero em análises sociais significa rejeitar explicitamente as justificativas biológicas para as desigualdades nas relações sociais entre os sexos. A autora acredita ainda que através das relações de gênero as relações de poder, de dominação e de subordinação são construídas.

[23] Parecer da Comissão de Teologia e Relações Eclesiais (CTRE) da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) sobre o voto e a participação da mulher na Igreja. 1981. Arquivo geral da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, Porto Alegre, RS.

[24] PERROT, M. *Minha História das Mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007, p. 86.

[25] Servas do Senhor. 3° trim. de 1971. Rio Grande do Sul: Concórdia Editora, 1971. p. 07.

[26] Servas do Senhor. 2° trim. de 1974. Rio Grande do Sul: Concórdia Editora, 1974. p.10

[27] ROSADO-NUNES, Maria José. "Gênero e religião". *Revista Estudos Feministas*. Vol. 13, nº2. Florianópolis - SC, maio/agosto de 2005, p, 364.

[28] TEDESCHI, Losandro Antonio. *História das mulheres e as representações do feminino.* Campinas - SP, Editora Curt Nimuendajú, 2008, p. 64.

[29] Servas do Senhor. 2° trim. de 1994. Rio Grande do Sul: Concórdia Editora, 1994. p. 05

[30] TEDESCHI, Losandro Antonio, Op. cit., p. 91.

[31] Servas do Senhor. 2° trim. de 1985. Rio Grande do Sul: Concórdia Editora, 1985. p.19

[32] Neste caso, a utilização do termo "homossexualismo" reflete a maneira utilizada pela colaboradora da revista Servas do Senhor para se referir a essa questão.

[33] Servas do Senhor. 2° trim. de 1985. Rio Grande do Sul: Concórdia Editora, 1985. p. 19.

[34] Servas do Senhor. 2° trim. de 1985. Rio Grande do Sul: Concórdia Editora, 1985. p. 19.

[35] Servas do Senhor. 2° trim. de 1974. Rio Grande do Sul: Concórdia Editora, 1998. p. 17.

[36] Servas do Senhor. 2° trim. de 1974. Rio Grande do Sul: Concórdia Editora, 1974. p. 10.

[37] Servas do Senhor. 3° trim. de 1994. Rio Grande do Sul: Concórdia Editora, 1994. p. 18.

[38] Servas do Senhor. 3° trim. de 1994. Rio Grande do Sul: Concórdia Editora, 1994. p. 10.

[39] TOMITA, Luiza Etsuko. "O desejo seqüestrado das mulheres: desafio para a teologia feminista no século 21". SOUZA, S. D. (Org.) *Gênero e religião no Brasil:* ensaios feministas. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006, p. 149.

[40] HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomás Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro - RJ, DP&A, 2000.

[41] Servas do Senhor. 1° trim. de 1998. Rio Grande do Sul: Concórdia Editora, 1998. p. 10.

[42] Servas do Senhor. 1° trim. de 1981. Rio Grande do Sul: Concórdia Editora, 1981. p. 10.

[43] Servas do Senhor. 1° trim. de 1981. Rio Grande do Sul: Concórdia Editora, 1981. p. 10.

[44] Servas do Senhor. 4° trim. de 1990. Rio Grande do Sul: Concórdia Editora, 1990. p. 07.

[45] SOIHET, R. "Mulheres investindo contra o feminismo: resguardando privilégios ou manifestação de violência simbólica?". *Estudos de Sociologia*, Araraquara - SP, v. 13, n. 24, 2008, p. 201.

[46] Servas do Senhor. 1° trim. de 1984. Rio Grande do Sul: Concórdia Editora, 1984. p. 18.

[47] Servas do Senhor. 4° trim. de 1974. Rio Grande do Sul: Concórdia Editora, 1974. p. 17.

[48] Servas do Senhor. 4° trim. de 1999. Rio Grande do Sul: Concórdia Editora, 1999. p. 7.

[49] Servas do Senhor. 4° trim. de 1999. Rio Grande do Sul: Concórdia Editora, 1999. p. 7.

[50] Servas do Senhor. 2° trim. de 1971. Rio Grande do Sul: Concórdia Editora, 1971. p. 7.

[51] Parecer da Comissão de Teologia e Relações Eclesiais (CTRE) da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) sobre o voto e a participação da mulher na Igreja. 1981. Arquivo Geral da Igreja Evangélica Luterana do Brasil.

[52] Servas do Senhor. 2° trim. de 1982. Rio Grande do Sul: Concórdia Editora, 1982. p. 12-13.

[53] SABINO, Fernando. *Zélia, uma paixão*. 4 ed. Rio de Janeiro - RJ, Editora Record, 1991.

[54] Servas do Senhor. 4° trim. de 1991. Rio Grande do Sul: Concórdia Editora, 1991. p. 8.

[55] Servas do Senhor. 4° trim. de 1991. Rio Grande do Sul: Concórdia Editora, 1991. p. 8.

[56] Carta da leitora Carmem Cynira Otero Gonçalves. Caixa de Correspondências da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, 1992. Arquivo da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, Porto Alegre - RS.

[57] Carta da leitora Carmem Cynira Otero Gonçalves. Caixa de Correspondências da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil. Arquivo da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, Porto Alegre - RS.

[58] Carta da leitora Carmem Cynira Otero Gonçalves. Caixa de Correspondências da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, 1992. Arquivo da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, Porto Alegre - RS.

[59] Carta enviada pela LSLB à Sra. Carmem Cynira Otero Gonçalves. Caixa de Correspondências da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, 1992. Arquivo da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, Porto Alegre - RS.

[60] Servas do Senhor. 2° trim. de 1992. Rio Grande do Sul: Concórdia Editora, 1992. p. 18.

[61] Servas do Senhor. 2° trim. de 1992. Rio Grande do Sul: Concórdia Editora, 1992. p. 18.

[62] Servas do Senhor. 2° trim. de 1992. Rio Grande do Sul: Concórdia Editora, 1992. p. 18.

[63] Servas do Senhor. 2° trim. de 1992. Rio Grande do Sul: Concórdia Editora, 1992. p. 19.

[64] TEDESCHI, Losandro Antonio, Op. cit., p. 81.

[65] ROSADO NUNES, M. J. O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões. *Cadernos Pagu* (16) Campinas - SP, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, 2001, p. 86.

Fontes e Referências bibliográficas

Ata da Reunião da Liga de Senhoras Luteranas de 1960 Atas das Reuniões da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil (LSLB), livro n° 1, caixa de Atas de Reuniões do início da LSLB até 2003. Arquivo da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil (ALSLB), Porto Alegre – RS. (manuscrita).

Ata da Reunião da Liga de Senhoras Luteranas de 1966. Atas das Reuniões da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil (LSLB), livro n° 1, caixa de Atas de Reuniões do início da LSLB até 2003. ALSLB, Porto Alegre – RS. (manuscrita).

Ata do 1° Congresso Geral da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, 1957. Livro n° 1 de Atas de Congressos Nacionais. Caixa de atas de Congressos Nacionais do 1 ao 22. ALSLB, Porto Alegre, RS. (manuscrita).

Carta da leitora Carmem Cynira Otero Gonçalves. Caixa de Correspondências da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, 1992. ALSLB, Porto Alegre, RS.

Carta enviada pela LSLB à Sra. Carmem Cynira Otero Gonçalves. Caixa de Correspondências da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, 1992. ALSLB, Porto Alegre, RS.

Estatutos da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil (LSLB). Livro de Estatutos da LSLB de 1960. ALSLB, Porto Alegre, RS.(manuscrito)

Parecer da Comissão de Teologia e Relações Eclesiais (CTRE) da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) sobre o voto e a participação da mulher na Igreja. 1981. Arquivo Geral da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, Porto Alegre, RS.

Revista *Servas do Senhor*. 1960-2000.

Bibliografia

ABREU, A. A. (Org.). *A imprensa em transição: jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro – RJ, FGV, 1996.

AGUIRRE ROJAS, C. A. *Uma história dos Annales (1921-2001)*. Tradução de Jurandir Malerba. Maringá – PR, Eduem, 2004.

BASSANEZI, C. *Virando as páginas, revendo as mulheres: revistas femininas e relações homem--mulher, 1945-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

BUITONI, D. S. *Imprensa feminina*. São Paulo - SP, Ática, 1990.

CAPELATO, M. H.; PRADO, M. L. *O bravo matutino: imprensa e ideologia no jornal O Estado de S. Paulo*. São Paulo - SP, Alfa-Omega, 1980.

CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa - Portugal, Difel, 1988.

_____. O mundo como representação. *Revista Estudos Avançados*. São Paulo - SP, 1991, p. 173-191.

_____. Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger. (Org.) *Práticas de leitura*. São Paulo - SP, Estação Liberdade, 1996, p. 77-105.

CORRÊA, A. M. M. Prefácio. In: DE LUCA, Tania Regina. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo - SP, Editora da UNESP, 1999.

DE LUCA, T. R. História dos, nos e por meio dos periódicos In: PINSKY, C. B. (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo - SP: Contexto, 2005, p. 111-153.

DE LUCA, T. R. *A Revista do Brasil:* um diagnóstico para a (N)ação. São Paulo - SP: Editora da UNESP, 1999.

DEL PRIORI, M. História das mulheres: as vozes do silêncio. In: FREITAS, M. C. (Org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo - SP: Contexto, 2001.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomás Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro – RJ, DP&A, 2000.

PEDRO, J. M. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História*, São Paulo - SP, v. 24, n. 1, 2005, p. 77-98.

PERROT, M. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

RAGO, M. Adeus ao feminismo? Feminismo e (pós) modernidade no Brasil. *Cadernos Arquivo Edgard Leuenroth*, Campinas - SP, 1997, p. 11-43.

ROSADO-NUNES, M. J. O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões. *Cadernos Pagu* (16) Campinas - SP, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, 2001, p. 79-96.

_____. Gênero e religião. *Revista Estudos Feministas*. v . 13, n. 2. Florianópolis - SC, maio/agosto de 2005, p. 363-365.

SARTI, C. A. *O início do feminismo sob a ditadura no Brasil: o que ficou escondido*. XXI Congresso Internacional da LASA (Latin American Studies Association), Chicago, Illinois, 1998, p. 1-12.

SCAVONE, L. Religiões, Gênero e Feminismo. *Rever (PUCSP)*. v. 8, 2008, p. 1-8.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. Recife, *SOS. Corpo*, 1996.

SOIHET, R. Mulheres investindo contra o feminismo: resguardando privilégios ou manifestação de violência simbólica? *Estudos de Sociologia*, Araraquara - SP, v. 13, n. 24, 2008, p. 191-207.

SOUZA, S. D. (Org.) *Gênero e Religião no Brasil:* ensaios feministas. São Bernardo do Campo: Editora da Umesp. 2006.

TEDESCHI, L. A. *História das mulheres e as representações do feminino*. Campinas - SP: Editora Curt Nimuendajú, 2008.

TOMITA, L. E. O desejo seqüestrado das mulheres: desafio para a teologia feminista no século 21. In: SOUZA, S. D. (Org.) *Gênero e religião no Brasil:* ensaios feministas. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006, p. 147-167.

WARTH. C. H. *Crônicas da Igreja:* fatos históricos da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (1900-1974). Porto Alegre: Concórdia Editora, 1979.